

**AUGUSTIN HAMON**

*Antigo professor de Cursos livres  
nas Universidades  
de Paris e Londres*

# A crise do Socialismo

Sua evolução.—Sua situação presente.  
Suas causas. — Seus efeitos.  
— O futuro.



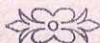
SECÇÃO EDITORIAL DE "A BATALHA"  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA  
1921



**AUGUSTIN HAMON**

*Antigo professor de Cursos livres  
nas Universidades  
de Paris e Londres*

# A crise do Socialismo



**SECÇÃO EDITORIAL DE "A BATALHA"**  
*Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA*  
**1921**

ALICE BRIDGES

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

54 EAST LAUREL STREET

CHICAGO, ILL. 60607

ALICE BRIDGES

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

54 EAST LAUREL STREET

1981

# A crise do Socialismo

**Sua evolução. — Sua situação presente.  
— Suas causas. — Seus efeitos.  
— O futuro.**

## I

Em 1914, a guerra surpreendeu os socialistas em toda a Europa continental e insular. Para êles a possibilidade de guerra não era crível. Os que estavam mais ao corrente das condições económico-sociais não imaginavam que os dirigentes fôsem loucos ao ponto de desencadearem uma guerra que, uma vez iniciada, não podia deixar de se transformar em um cataclismo mundial, em uma revolução europeia, senão mesmo do mundo inteiro. (Cf. o meu volume *As lições da guerra mundial*, Valência 1916, Paris 1917, Londres 1918, Lisboa 1918, cap. VII e *passim*). Ficaram todos desorientados. E a sua desorientação manifestou-se na impotência da sua Internacional para obstar á guerra. Esta impotência era devida á juvenildade da Internacional Operária, associação que tinha pouco mais de meio século de existência, duração muito curta, apenas um momento, tratando-se das colectividades humanas.

## Ante a guerra

Os socialistas ficaram desorientados; no entanto a grande maioria deles, em todos os países, procederam de igual modo. Quero dizer com isto que consideraram a guerra como defensiva e que responderam em massa ao apêlo dos governos. Tal foi o caso na Alemanha, na França e na Bélgica. E contudo na posição dos socialistas alemães havia uma certa diferença dos demais. O governo alemão era indubitavelmente o governo agressor. A mina guerreira estava carregada pelos dirigentes da Grã-Bretanha, da Alemanha, da França, da Rússia, da Austria-Hungria e da Itália. Os dirigentes germânicos chegaram-lhe o fogo. As massas populares alemãs não perceberam esta diferença de posição. Os *leaders* socialistas ou não a viram ou recusaram vê-la. Em qualquer caso, procederam como se não a vissem. Na Bélgica e na França, toda a massa, com os *leaders* à frente, se viu atacada. A sua resposta foi a batalha. Na Grã-Bretanha, a massa, impelida por hábeis campanhas de imprensa, ergueu-se, a princípio por lealdade à assinatura britânica posta no tratado, pelo qual se garantia a neutralidade à Bélgica, de seguida para salvaguardar a sua liberdade. Mas os *leaders* dividiram-se. Na sua maioria recusavam-se a participar na guerra. Foram pacifistas, alguns por princípios socialistas, muitos por princípios cristãos, como Keir Hardie, Bruce Glasier, Ramsay Mac Donald e tantos outros. Só um pequeno número se mostrou pro-guerreiro: tal o velho Hyndmann, que se tornou imperialista britânico, permanecendo socialista. Nenhum viu que a guerra começada a 3 de Agosto de 1914 era uma revolução enorme, que ia desenvolver-se pouco a pouco. Debalde lho clamei eu, no ano de 1915, em *The Socialist Review*. Esta atitude, diferente dos *leaders* não provocou cisão.

no socialismo britânico, porque êle não está unificado, é composto de grupos autónomos, unidos sómente para a luta contra o capitalismo.

Na Itália, o Partido estava unificado, mas, à excepção de uma ínfima minoria de *leaders*, todo êle — massas e chefes — era oposto a que a Itália entrasse na fornalha guerreira em 1915.

A guerra mundial, porém, ia-se prolongando. Os meses sucediam-se. E assim os males da guerra apareceram na sua crueza. Ao mesmo tempo o entusiasmo primitivo desaparecia, afogado na lama do Yser, nas neves dos Vosges e dos Montes Servios, etc. A opposição á guerra, a principio invisível, manifestou-se e depressa se difundiu. Por toda a parte se declarou o mesmo fenómeno, embora cada país quasi ignorasse o que ia por casa do visinho. Cada país em guerra era como um compartimento isolado, extremado de todas as notícias, de todo o conhecimento da vida visinha, mesmo aliada e *a fortiori* inimigo. Não há isolamento completo quando se trata da vida mental. Por isso alguns socialistas, movidos pelo horror dos males da guerra, querendo pôr-lhe termo o mais breve possível, reuniram-se na Suíça, primeiro em Zimmerwald (Setembro de 1905), depois em Kienthal. Lá estiveram aliados e inimigos, fraternizando, entre alemães, franceses, russos, italianos, ingleses e suiços. E enquanto êsses poucos se reuniam para preparar a paz pela revolução, outros socialistas, o maior número, continuavam a participar na direcção da guerra, mais ou menos pela mão do capitalismo, porque, infelizmente, a sua influência externa e interna não teve importância, de ínfima que foi.

Na Alemanha e na França formou-se então uma minoria que protestava contra a política seguida pela maioria dos *leaders* socialistas, de apoio ao seu govêrno bur-

guês. Houve os socialistas pacifistas e os socialistas de guerra. Na Alemanha, a unidade rompeu-se em 1916, formando-se tres organismos: — 1.º os maioritarios, com o maior número de soldados e chefes socialistas, — Scheidemann, Sudekum, etc.; 2.º os independentes, — Bernstein, Ledebur, Haase; 3.º o grupo Spartacus, — Liebknecht, Rosa Luxemburgo. Na França, não houve scisão. Mas, no seio do Partido, activou-se a luta contra a facção desejosa de continuar a guerra até ao esmagamento do militarismo e a facção que pretendia uma paz de compromisso, porque seria rapidamente obtida e assim acabariam mortes, sofrimentos, miserias.

Emquanto a guerra durava e, no seio do Partido francês, os minoritarios viam aumentar as suas fôrças, tinha o Partido, no seu conjunto, uma politica de guerra e uma politica de paz, nitidas, hábeis e muito coerentes, tanto no ponto de vista interno como externo, tanto no ponto de vista economico-financeiro como politico. E nêsse particular diferenciava-se profundamente dos dirigentes, cuja politica era incoerente e sem alcance. O resultado foi que nas massas o socialismo se difundia insensivelmente. Expliquei em 1916, nas *Lições da guerra mundial*, como o espirito de proselitismo dos socialistas, servido pelas numerosas condições politico-sociais da guerra, actuava no meio dessa imensa magma humana, arrancada á fábrica, ao escritorio, aos campos, para ser lançada nos acampamentos, nas trincheiras. E mostrei que se estava em presença de uma propaganda intensa, contínua, já pelos factos, já pelos homens, fazendo-se em aglomerações de individuos de vida amargurada, descontentes, e portanto de espirito receptivo para toda a semente de opposição e revolta. A consequência era que o socialismo e o ideal socialista deviam crescer e apoderar-se de espirito das massas.



## Reacção e revolução

Sobreveio a Revolução Russa (Março de 1917), que foi como que uma chicotada nas massas socialistas ocidentais. Elas viram, por sua vez, a possibilidade do seu triunfo. Os bolcheviques, que haviam conquistado o poder (Novembro de 1917), imprimiram à Revolução, pelo que pareceu, uma actividade maior ainda e uma tendencia mais socialista. Infelizmente, as condições económicas e psicologicas da Russia obrigaram Lénine e Trotzky a assinar a paz de Brest-Litovzk. Isto, além de permitir aos dirigentes ocidentais encontrar um pretexto para combater a Revolução Russa, foi um factor de depressão nas massas socialistas ainda combatentes dos ocidentais, entretanto que o era de excitação nas massas socialistas das Potencias centrais. A intervenção Norte-Americana, que na realidade só começava a fazer-se sentir no ponto de vista do «material humano», não compensava a depressão.

Todas estas impressões — excitação e depressão — eram momentâneas, nem podiam ser outra coisa. A guerra aproximava-se do seu fim pelo exgotamento das reservas germânicas, assim como pelo exgotamento das fôrças económico-alimentares. Em Novembro de 1915, já eu tinha mostrado, pelo estudo das cifras do material humano, que a Alemanha não podia sustentar o esforço da guerra aléni de Dezembro de 1918 (*Lições da guerra mundial*, pág. 9 da edição francesa, 1917, pág. 21 da edição portuguesa, 1918). Verificaram-se as minhas previsões scientificamente estabelecidas. Outubro e Novembro de 1918 viram o baquear da Alemanha e dos seus Aliados. O armistício impunha-se: foi assinado a 11 de Novembro. Entre os Ocidentais, houve então a embriaguez do triunfo, a alegria da paz, e entre os Centrais, o bramido dos des

contentamentos, o estrépito dos sentimentos comprimidos durante anos. Acolá, uma vaga de reacção, a princípio aparente na Grã-Bretanha, por ocasião das eleições *khaki* de Novembro de 1918; aqui, na Alemanha, uma vaga de revolução.

«Considerada sob o ponto de vista do Socialismo, — escrevia eu em 1916, nas minhas *Lições* — a guerra é uma luta entre a concepção centralizadora autoritária e a concepção federalista libertária do Socialismo.» Os acontecimentos da revolução alemã ainda mais o provaram. O choque entre as duas concepções foi de uma grande violência. Até aqui os centralizadores levam a melhor, mas o conflito está em pleno andamento. Os social-democratas maioritários, por medo do federalismo, e até da revolução, jugulam-na, servindo, talvez inconscientemente os interesses dos seus inimigos, os capitalistas. Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Kurt Eisner, Landauer e outros pagaram com a vida o seu amor à liberdade, a sua vontade de transformar a Alemanha. Por medo da revolução alemã dando a mão à revolução russa, os dirigentes ocidentais, e particularmente os de França, apoiaram os social-democratas maioritários e mesmo os pan-germanistas que jugulavam a revolução.

Estes acontecimentos, sentidos instintivamente, senão compreendidos com clareza pelas massas, atiravam estas mais ou menos para a esquerda do socialismo. Desenvolviam-se divergências de vistas, não só entre os chefes, mas também entre os soldados. Idêntico fenómeno se produziu no Ocidente, sob a influência das condições de paz dos tratados de Versalhes e outros lugares, condições que demonstravam a impotência dos *leaders* socialistas de França e da Grã-Bretanha para imporem uma paz honesta, justa, conforme aos XIV pontos magistralmente formulados pelo Presidente Wilson. O socialismo de

guerra e as massas humanas adoptaram com entusiasmo êsses XIV pontos, que eram a expressão dos sentimentos das multidões. Ao mesmo tempo, êles eram também a consequência irrecusavel da guerra mundial, se a humanidade queria evitar, para o futuro, catástrofes semelhantes áquela no meio da qual se debatia ainda, como o demonstrei na minha última conferência da Universidade de Londres, em Março de 1916, sôbre as Lições da Guerra Mundial. (1)

As reacções patrioteiras que resultaram da guerra, foram lançando a discordia nas massas populares, que proponderam, em toda a Europa, para uma política de esquerda, até de extrema esquerda, ao passo que os dirigentes tendiam a uma política de direita, de imperialismo. Na aparência, o socialismo dissociava-se, dissolvia-se. Na realidade, crescia surda e obscuramente nas massas, ramificando-se por toda a parte, ganhando a si não só a classe agricola, mas ainda a pequena e a média burguesia. Tudo isso a impelia, no fim de contas: principalmente a politica imperialista dos Ocidentais, mantendo o caos económico, acentuando a ruina financeira de todas nações, por um aumento sem fim da circulação fiduciaria, encerrando cada nação em muralhas da China, que protegiam as riquezas de certos *clans* e esfomeavam, privavam do necessário toda a gente.

### A Nova Meca

E' a corrida para o abismo, irreflectida, louca. E naturalmente o instinto das massas faz-lhes perceber o pe-

---

(1) Veja «Le Bilan de la guerre mondiale», por Augustin Hamon, *Scientia*, Julho 1919.

riço. E também naturalmente, elas aderem ao socialismo, juntam-se ao partido da Revolução, que lhes aparece como a providência, o *Deus ex machina* de todas as situações. Em graus aproximados, ocorre o mesmo por toda a parte: na Grã-Bretanha, na França, na Itália, na Espanha, em Portugal, na Bélgica, na Alemanha, na Holanda, na Austria, na Suíça, na Tcheco-Slováquia, na Jugo-Slavia, na Hungria, na Roménia, na Bulgaria, na Scandinavia, nas nações bálticas. Nos países mal desenvolvidos no ponto de vista industrial, a forma da oposição aos dirigentes é menos socialista, mais agrária. É o fenómeno que se dá na Bulgaria e na Polónia. Mas aí mesmo, nas camadas inferiores, o socialismo, sob a sua forma comunista, progride extraordinariamente. É com efeito o núcleo ao redor do qual veem concretizar-se todas as aspirações para mais bem-estar, para uma subversão do que existe. Os dirigentes tem a consciência mais ou menos nitida dessa lenta e obscura ascensão do socialismo. Tentam opor-se-lhe. Mas só tem esperança na repressão pela violência sangrenta das penas de morte, de prisão, etc. E o mundo assiste ao terrorismo branco da Finlândia e da Hungria, a que corresponde o terrorismo vermelho dos bolcheviques russos, extirpando, aniquilando a burguesia e a nobreza russas. Estes ultimos podem conseguir e conseguem efectivamente destruir entre elles, lá onde governam por uma ditadura esmagadora, toda a estrutura social capitalista. Mas o terror branco da época presente, como o de todas as épocas, é impotente para extirpar o socialismo do instinto das massas. Seria preciso exterminar as próprias massas, o que é impossível.

Este incremento do socialismo nas massas, em toda a parte se manifestava pela adesão aos partidos socialistas já existentes e ás agrupações profissionais, aos sindicatos.

Os efectivos dêstes e daqueles são, pelo menos, duplos às vezes triplos, e ainda maiores, nas regiões onde o movimento trade-unionista ou socialista está no começo. Naturalmente, uma extensão tão rápida, pois que se verifica em alguns anos, mesmo alguns meses, conduz ao seio dos partidos uma massa de gente nova, rapazes a maior parte, ainda todos inflamados da guerra e penetrados da ideia — viram e perceberam o poder da violência, da brutalidade — que a força violenta é a parteira das sociedades. E toda a estrutura dos Partidos oscila, abre fendas.

Os *leaders* vêem-se ultrapassados pelas massas. Estes, jovens, ardentes, são por toda a parte, senão em maioria, pelo menos em minorias muito fortes, integralistas e não reformistas. Crêem poder realizar a revolução que há de transformar integralmente o mundo. Teem sede de paz, sede de igualdade económica; teem o horror da guerra, que muitos de entre elas viveram. E então Moscovo, a sede do governo bolchevista, aparece-lhes como a Meca da nova religião, porque no fundo é uma religião. Crêem na Revolução, próxima, niveladora e criadora de um estado social novo. E crêem nela, firmemente. Não sabem lá muito bem como ela se produzirá, como se manterá, como resolverá as questões de produção e de distribuição. Mas pouco importa, crêem nela. E a sua fé, como toda, fé robusta, é criadora de condições que permitem a realização do objecto a respeito do qual a fé se exerce. Em presença desta gente de alma revolucionária, anciando por Moscovo e pelo bolchevismo, como pelo salvador do mundo, alguns chefes, alguns jovens, desligam-se da massa. E entre os antigos *leaders*, alguns, renegando as suas miras ainda tão recentes, esquecendo as suas palavras de ontem, erigem-se em condutores das multidões para a Meca Russa.

O conflito latente que existia no seio dos partidos surge então em plena luz. A imprensa socialista e trade-unionista de todos os países não se ocupa doutra coisa. Os grupos dividem-se. Aqui operam-se scisões; acolá preparam-se, porque por toda a parte se hão de efectuar inevitavelmente. Elas são condicionadas pela guerra, como há quatro anos já o mostrei na minha citada obra.

Actualmente, na Europa, de Leste a Oeste, a situação socialista é como segue.

### Rússia

Na Rússia, um Estado inteiro governado por uma minoria comunista, mediante uma forte ditadura. Esta exerce-se por uma organização militar e burocrática excessivamente desenvolvida, sôbre uma população costumada, de há muitos anos, à obediência. As conseqüências de semelhante estado de coisas são um burocratismo intenso, uma centralização a todo o transe e a excavação de um fôssco que se alarga e aprofunda em proporção da extensão do burocratismo, entre os chefes e as massas. «A *alta* já não compreende a *baixa*, nem conta com ela», disse justamente um comunista russo numa conferência dos *Comités Executivos* em Moscou, em Outubro de 1920. Não existe liberdade de opinião, liberdade política. O facto é inegável. Lênine o declarou francamente a Anguiano, delegado da C. G. T. espanhola. E pode ler-se a sua confirmação pormenorizada em uma obra bastante objectiva — *A prática e a teoria do bolxevismo*, pelo prof. Bertrand Russell. Na Rússia, pois, impera a ditadura. Mas sob a egide dessa ditadura militar e burocrática, centralizadora, a estrutura

capitalista foi destruída; as classes nobre e burguesa esboroam-se; a classe agrícola torna-se proprietária das terras; numa palavra, opera-se uma imensa revolução agrária e *está em via de se realizar uma revolução psicológica*. Social-democratas menxeviques e socialistas revolucionários continuam a existir, mas as suas manifestações são ocultas, raramente conhecidas fora das fronteiras. O seu número é sem dúvida grande, e, sem dúvida também, apresentar-se-á maior, quando houver desaparecido a ditadura, daqui a alguns anos. Pela força das coisas, esta virá, com efeito, a desaparecer. Foi esta, útil, exactamente como o foram a ditadura jacobina por ocasião da Revolução Francesa e a ditadura de Cromwell por ocasião da Revolução Inglesa. E talvez ainda o seja. Certamente continuará, mesmo quando já fôr inútil, em virtude da lei mecânica da força viva, da lei biológica que todo o corpo vivo tende a subsistir e até a sobreviver, quando se tornou inútil ou mesmo nocivo, em consequência das mudanças de condição. Se, por um lado, permittiu aos bolcheviques imporem-se ao Povo Russo e por conseguinte às Potências Ocidentais, por outro lado, foi em parte o efeito dos esforços da reacção, emanando dos emigrados russos (czaristas, cadetes constitucionais e outros), sustentados pelas Potências Ocidentais, desejosas de matar a Revolução e incapazes, em virtude do seu embrutecimento devido à detenção do poder, de compreender que longe de a matarem ou sequer de a ferirem, a fortaleciam. Mas agora que o governo bolchevista se impôs ao mundo, precisa de entrar em relações económicas com esse mundo, capitalista ainda. E os laços de vida económica que por tal facto vão criar-se, terão como consequência laços político-morais, seguindo-se necessariamente uma atenuação dos princípios comunistas, sob o



ponto de vista de realização, uma restauração progressiva, mais ou menos rápida ou lenta, segundo circunstâncias de detalhe impossíveis de prever, das liberdades económicas, políticas e sociais. Este processus começou já mostrou-o Lênine no seu discurso no último Congresso Comunista); ir-se-á desenvolvendo, em conformidade com a lógica das coisas; e em uma, duas ou três décadas — é um período longo para o Indivíduo, mas bastante curto para a Espécie — atingirá um estado social, que não será nem o comunismo sonhado por Lênine e seus camaradas, nem o capitalismo presente. Á semelhança do que sempre tem ocorrido, será um amálgama de modos diversos de posse e de exploração das coisas, com predominância, porém, das formas socialistas e diminuição progressiva das formas individuais. Mas até ao momento em que a estabilidade social se restabeleça, a Rússia inteira será teatro de lutas intestinas, sôb formas diversas, entre os bolcheviques comunistas, os mencheviques, os socialistas revolucionários, os sindicalistas e os anarquistas. E haverá flutuações, vagas humanas oscilando, fortes ou fracas, segundo os momentos.

### **Filândia, Polónia e Hungria**

Na Filândia e nos Estados Balticos, os terrores brancos e vermelhos sucedem-se, não tendo naturalmente exterminado as classes. Por isso, proletários urbanos e rurais vão para o socialismo, dividindo-se em comunistas ou bolcheviques, todos integralistas, e social-democratas, ao mesmo tempo reformistas e revolucionários.

Na Polónia, a situação é a mesma; os comunistas, porém são muito pouco numerosos, sem influência presente, salvo como fermento do conjunto socialista. O

grosso dos socialistas está dividido em tres facções. A maioria forma um partido puramente reformista, mais ou menos nacionalista e até patrioteiro, mas de rótulo social-democratico. O seu *leader* principal é o dr. Dachzinski, antigo vice-presidente do conselho. O presidente da República polaca, Piłsidski, pertenceu a êsse partido. As outras duas facções, que se formaram sucessivamente por scisões, tem uma política mais de esquerda, isto é menos legalista, revolucionária. O principio de revolução imediata e violenta é o criterio sôbre o qual as scisões se operam. A política do grupo mais á esquerda tende a unir-se à dos comunistas. A classe agricola polaca vive ainda sôb o cajado dos seus padres católicos. Como por toda a parte, a Igreja Católica é o grande e solido esteio do capitalismo. Uma e outro edificam-se sôbre o mesmo principio: a autoridade. Porisso o socialismo faz actualmente poucos recrutas entre os trabalhadores rurais, na maior parte analfabetos, servos ainda, na realidade, dos «Pans» ou ricos proprietários. Contudo há um pequeno agrupamento de trabalhadores rurais comunistas. É a cunha que fará estalar o carvalho.

Na Hungria, uma reacção terrivel impera ha meses, desde a queda do govêrno comunista de Bela Kuhn. Os social-democratas, nos seus diversos matizes, são tão perseguidos como os comunitas. Continuam a existir e mesmo a desenvolver-se, mas secretamente.

### **Romenia e Bulgaria**

Na Romenia, a reacção é menos brutal, mas igualmente forte. Os proprietários dos latifundios defendem os seus bens contra os trabalhadores rurais, que entendem que devem possuir o instrumento do seu trabalho, a terra, e dêste modo vão aderindo pouco a pouco ao

socialismo, quer sob a sua forma social-democrata quer sob a sua forma comunista, e antes sob esta última. Alguns deputados socialistas e comunistas teem assento no Parlamento romeno. Naturalmente estas seitas socialistas são mais ou menos rivais e por isso disputam com freqüência. Mas a necessidade da luta contra o inimigo comum, o capitalismo, une-as sempre, embora lhes custe. A scisão acaba de se dar (Fevereiro de 1921). Cada partido parece contar quasi o mesmo número de membros.

Na Bulgaria, a situação não é nem idêntica, nem sequer análoga. Este país, em consequência da derrota das Potências Centrais de que era aliado, sofreu uma revolução politica, quasi pacificamente, revolução tão profunda que se desenvolve ao presente um estado social novo, cujo ensinamento sociológico parece dever ser, sob certos pontos de vista, maior que o que resulta da Revolução Russa. O governo bulgaro está nas mãos dos rurais, dos que cultivam por si mesmos as suas terras, não dos proprietários de latifúndios. Eles são essencialmente democratas, pacifistas, igualitários. E daí resulta haver algumas medidas legislativas e governamentais verdadeiramente revolucionárias, pois que transformam de súbito a economia presente. Tais são as leis ordenando o trabalho obrigatório — «quem não trabuca, não manduca», diz o adágio e disse S. Paulo; criando, à maneira militar, o serviço obrigatório no trabalho, para os adultos dos dois sexos, durante um tempo determinado; fixando a quantidade limite de solo, cêrca de 30 hectares, que póde possuir cada família rural, com exploração própria; proibindo a posse da terra a outros que não os exploradores directos. Uma espécie de socialismo agrário está em via de se organizar governamentalmente, com o apoio do Parlamento. De facto, a

cooperação, tanto de produção agrícola ou outra, como de consumo, está em pleno desenvolvimento, sob o impulso mesmo do govêrno do rural Stambulisky, que parece ser um gênio político.

A instrução, a educação é objecto de medidas efectivas para sua extensão e profundidade. Em tal processus de evolução rápida no sentido democrático e socializante, o ideal socialista cresce, mas os partidos políticos socialistas, êsses, tendem a um menor aumento. Porisso o partido social-democrata reformista e o partido comunista revolucionário, que dele se separou, representam apenas uma fôrça minima. Todavia ambos teem representantes no Parlamento, — 47 os comunistas.

### **Turquia e Grecia**

Na Turquia o socialismo, comunista ou não, está embrionário. O govêrno bolchevique é aliado do govêrno nacionalista de Angora. Daí resulta, quer êste queira quer não, uma influência do comunismo bolchevique, mesmo só na aparência, sôbre os meios turcos. Estes são principalmente agrícolas. Porisso é provável que o processus evolutivo nos países da Europa Oriental e da Ásia Ocidental venha a ser aproximadamente semelhante, dadas todas as condições, ao seguido na Rússia. Não me parece duvidoso que o capitalismo turco (grandes proprietários territoriais, etc.), que julga, aliando-se aos bolcheviques russos, tirar deles proveito para a sua política, sem lhes sofrer o efeito revolucionário, se engana extraordinariamente. No ponto de vista capitalista está prestes a realizar a fábula do nosso imortal pensador La Fontaine, cujo título é: «O aldeão e a serpente». Isto é tanto mais certo quanto uma das características do govêrno de Lénine é a utilização de uma propaganda de ideias

organizada com método, arte e cuidado. Lénine sabe o que os «utopistas reais», pretensos «realistas», que dirigem o mundo capitalista, ignoram, — que é a ideologia, que são os ideais os factores mais poderosos da evolução humana, quando se baseiam nas necessidades *biológicas* dos seres, porque então essa ideologia é estabelecida segundo as directrizes gerais dessa evolução. A propaganda comunista dos bolcheviques está em começo na Turquia da Ásia. Fóra de dúvida, daqui a alguns anos, ela há de ter ganhado em extensão e em profundidade, num meio de rurais, no fundo, sequioso de mais bem-estar em liberdade e em teor de vida. Mas presentemente não se podem ter em conta os raros agrupamentos socialistas existentes em algumas cidades da costa.

Na Grécia, também o socialismo está ainda no estado embrionário. Faz sobretudo o seu recrutamento na parte da Grecia adquirida há 10 anos, em Salonica. O trade-unionismo é muito recente. Só em 1918 é que se fundou a Confederação Geral do Trabalho. O govêrno imperialista de Venizelos perseguiu os socialistas e tentou embaraçar o desenvolvimento dos sindicatos. A scisão fez-se no socialismo grego como em toda a parte: para um lado os comunistas, para o outro os socialistas reformistas. A perseguição serviu, como sempre, para aumentar o número dos aderentes. É ao mesmo resultado que tende a política imperialista e reaccionária seguida pelo rei Constantino, à imitação da de Venizelos. A guerra de conquista tem sempre por consequência, na nossa época, o desenvolvimento do Socialismo, sobretudo na sua tendencia mais à esquerda. Porisso de 40 deputados socialistas, 22 pertencem à facção comunista.

## Jugo-Slávica, Austria e Tcheco-Slováquia

Na Jugo-Slávica, o comunismo vai na frente. Tem 47 deputados no Parlamento. É o resultado da política imperialista e centralizadora seguida pelo governo jugo-slavo desde 1918. Todos os oposicionistas tem tomado o comunismo como porta-bandeira. E os oposicionistas são em grande número na Macedonia, na Croácia, etc. O partido comunista parlamentar ocupa um lugar importante na Skuptchina. Mas, para se fazer uma idéa, justa da situação, é necessário reparar que os seus eleitos não o são de verdadeiros comunistas, — salvo numa pequena minoria — mas de simples oposicionistas, como na Bulgária e na Grecia. Os socialistas reformistas quasi desapareceram, absorvidos pelos comunistas: há apenas 9 deputados socialistas.

Na Austria alemã, existem tres facções socialistas: uma comunista, outra socialista revolucionária e a outra puramente reformista. A segunda, com Otto Bauer e Frederico Adler, é a mais importante em número e em valor. As últimas eleições (Novembro de 1920) fizeram perder alguns lugares parlamentares aos socialistas. Há entre êles e os comunistas muitos motivos de atrito; no entanto, para a luta contra os cristãos-sociais e outros partidos capitalistas, o acôrdo é certo.

Na Tcheco-Slováquia, o governo esteve um momento nas mãos dos socialistas de todos os matizes. Divergências de opiniões conduziram a uma crise. Os comunistas separaram-se, ficando em minoria, mas uma minoria já séria. Os social-democratas constituem a facção mais forte. Há, porém, um agrupamento assás original de socialistas federalistas, libertários, reformistas e nacionalistas, que parece destinado a um futuro brilhante. A influência do socialismo sobre o governo motivou leis agrárias e operá-

rias de tendencias socialistas, que são uma causa do pequeno desenvolvimento do comunismo. Entretanto, no partido social-democrata alemão de Tcheco-Slováquia havia uma minoria que desejava aderir à Internacional Comunista de Moscou, ao passo que a maioria entendia, que a adesão se devia dar à de Genebra-Londres. Porisso a minoria se separou, formando um partido comunista fundido com o dos tcheco-slovacos. Sob a influência dos governos imperialistas do Ocidente, o governo de Masaryk e Benés foi obrigado a inclinar-se para uma política reaccionária, com manifestações anti-socialistas, e isto apesar das simpatias doutrinais daquêles homens de Estado pelo socialismo. Emprega, porém, os seus esforços em resistir ao imperialismo ocidental e ao imperialismo oriental da Polonia, da Jugo-Slavia e da Romenia. Notavelmente inteligentes, pensadores e não políticos cuidadosos antes de tudo de guardar as suas posições, Masaryk e Benés conhecem a loucura de semelhante política imperialista, que leva os povos a uma catástrofe, a um caos sangrento, doloroso. Mas a sua resistência é, e não pôde deixar de ser, insufficiente: as condições económicas são inexoraveis, impelindo a Tcheco-Slováquia para a orbita da política anti-socialista, reaccionária, imperialista, do Ocidente. Não teem podido ou não teem sabido actuar como Stambulisky e os rurais bulgaros. Fã tou lhes a audácia ou faltaram-lhes os meios. E a consequência é a extensão da extrema-esquerda entre os sectarjos da ideologia socialista.

### **Alemanha**

Na Alemanha, o socialismo divide-se em tres partidos: o Partido Social-democrata maioritário, o Partido Independente e o Partido Comunista. São os maioritários,

com Ebert, o presidente, Muller, Scheidemann, Noské, etc., que continuam a manter a superioridade, como número de aderentes e como força parlamentar. Seguem-se-lhes os Independentes, com Ledebour e Breitscheid. Por um momento se poude julgar que êste grupo, a um tempo reformista e revolucionário, legalista e ilegalista, ia desaparecer, juntando-se parte com a direita, com os maioritários, e parte com a esquerda, com os comunistas, os antigos spartakistas. Em Novembro de 1920, com efeito, a esquerda dos independentes ligou-se aos comunistas. Esta scisão da esquerda invencivelmente teria levado o resto dos independentes a voltar para os maioritários, de que viriam a formar a ala esquerda, se não intervisse um factor que impede êste processus de se realizar e que provavelmente provocará um processus contrário, a volta dos comunistas para os independentes.

Este factor é a política absolutista, autocrática, essencialmente centralizadora, da Internacional Comunista de Moscou. O seu *comité* executivo entende que há de dirigir tudo, ser obedecido em toda a parte, quasi à maneira de Loyola, *perindè ac cadaver*. Entre os processos da política bolchevique e os da política jesuita, há muitas semelhanças, grandemente curiosas e interessantes para o sociólogo, mas êste não é o lugar, nem o momento de as expor. Como era de esperar, essa política autocrática tem produzido os seus frutos naturais, que são sempre maus, como tudo o que emana da Autoridade imposta e suportada. A Internacional Comunista tem querido dirigir de Moscou a política do partido comunista alemão. E como ela não conhecia, nem podia conhecer com rigor, a exacta situação político-social da Alemanha, levou os comunistas a um lamentavel desastre (Março de 1920) nas suas tentativas de



sublevações e de revolução imediata. A êsse desastre seguiu-se uma repressão um tanto sanguinolenta e um desenvolvimento do pangermanismo entre os burgueses e entre os rurais. Alguns chefes dos comunistas quiseram resistir às ordens moscovitas. Um deles, o dr. P. Levi, publicou uma crítica justa, mas violenta, desta política mais ou menos estúpida. Foi excluído. Sem dúvida haverá outras exclusões, pois que certos *leaders* como Clara Zetkin, etc., se solidarizaram com êle. E também sem dúvida estas exclusões arrastarão a saída de numerosos membros do grupo comunista. As mais das vezes, porém, e pela força das coisas, os tres partidos socialistas hão de unir-se, trocando embôra injurias, para a luta contra o capitalismo e a reacção. Tivemos já um testemunho disso na República Saxonia. O ministério composto de maioritários e de independentes, é sustentado no Parlamento por uma maioria socialista compreendendo quatro comunistas, que são realmente os arbitros da situação.

Há 500.000 a 600.000 comunistas. O partido dos independentes e o dos maioritários ultrapassam cada um de per si êste número. Na extrema direita dos maioritários encontram-se homens como Noske, em quem o ultrapatriotismo excede muito o socialismo. Na verdade êsses homens deviam estar fora do partido. Fazem ligação com os radicais germanicos, que não se diferenciam quasi nada da extrema direita dos maioritários. A sua saída, voluntária ou não, do partido, fortalecê-lo-ia enormemente. A politica imperialista dos ocidentais determina por um lado uma erupção pangermanista e por outro lado uma erupção socialista, menos aparente. As duas forças assim desencadeadas chocar-se-ão fatalmente e com grande violência, daqui a semanas, a meses ou a anos, porque a duração do processus não pode

prever-se. A vitória será das massas socialistas: isto não é duvidoso para quem observa objectivamente o desenrolar dos acontecimentos sociais. Dar-se-á num meio catastrófico que, segundo todas as probabilidades, englobará também os ocidentais. O capitalismo ocidental terá assim, pela sua propria política, consumado a sua ruína.

### Scandinavia

Na Scandinavia (Suecia, Noruega e Dinamarca) os partidos social-democratas scindiram-se, tendo-se formado agrupamentos comunistas. Na Suecia há 83 deputados socialistas, dos quais 7 da esquerda (comunistas). Há pouco ainda o chefe do govêrno era Hjalmar Brastig o principal *leader* socialista. O partido sueco é um partido da direita, com tendências muito reformistas e legalistas. O comunismo é afirmado apenas por uma pequena minoria. A situação é quasi a mesma na Dinamarca, mas diferente na Noruega, onde a maioria pertence aos comunistas. Ultimamente produziram-se novas scisões nos diversos partidos scandinavos, tanto comunistas como social-democratas. Em todos êles existe uma esquerda e uma direita, que fazem ligação com os partidos vizinhos.

E' um fenómeno sociológico geral, que se oferece á nossa atenção. De facto, não há em parte alguma separação brusca entre os agrupamentos do socialismo. E' por uma sucessão insensível de cambiantes que se vai da extrema direita à extrema esquerda do Socialismo. Também, por toda a parte, se assiste a novas scisões nos partidos já scindidos. Há nêsse facto um fenómeno de scissiparidade contínua, por assim dizer devida à extensão do socialismo em número de aderentes e também à vontade dêsses aderentes de se agruparem segundo as

suas afinidades ideológicas ou sentimentais. Porisso o sociologo por toda a parte notará um incessante movimento de vai-xem, de flutuação. Os homens, uns passam de uma facção para outra, ao sabor das circunstâncias, segundo os momentos, outros, em grande número, isolam-se de todo o agrupamento, por não encontrarem nenhum que corresponda à sua ideologia. Há como que uma espécie de movimento desordenado no socialismo mundial, movimento que impede a formação de partidos coerentes, mas activa a entrada das massas na sua orbita de atracção.

### Holanda e Belgica

Na Holanda, a massa socialista, aumentada tambem pela guerra, permaneceu aderente ao partido social-democrata, de política quasi idêntica à dos maioritários da Alemanha, com Troelstra, Vliegen e Van Kol. Entretanto existe um partido comunista que tem até um diário, *De Tribune*. Os seus principais *leaders* são o deputado Wynkoop e a sr.<sup>a</sup> Roland Horst. Sob o ponto de vista da não participação nas eleições e do anti-parlamentarismo, há uma facção dos comunistas, que segue Hermann Yörter. Mostra assim tendências anarquistas e liga-se a uma facção análoga do comunismo britânico.

Na Belgica, a scisão ainda não se deu no Partido Operário. Parece difficil que não venha a dar-se, quer voluntariamente quer por exclusão dos minoritários, cujo chefe principal é Jacquemotte. O P. O.<sup>o</sup> está em maioria reformista e legalista. Acha-se representado no govêrno por quatro ministros socialistas. A sua influencia é bastante grande, mas insufficiente no entanto para dar côr socialista ao govêrno. E' pelo contrário o elemento capitalista do govêrno que reage contra os socialis-

tas e atenua a sua política a ponto de a conduzir por vezes a uma negação da sua doutrina. Como me dizia uma vez o sabio sociólogo Guilherme De Greef, é sempre mau ter como *leaders* socialistas milionários ou homens com grandes necessidades de dinheiro. A sua conduta é regulada, conscientemente ou não, pela sua situação social e pelas suas necessidades económicas, os grandes motores das acções humanas para a grande generalidade dos homens. A participação ministerial dos socialistas na Belgica tem, pois, como consequência: por um lado diminuir a ideologia socialista e tender a lançar na esquerda do partido os membros socialistas mais conscientes, e por outro lado provocar o afluxo ao partido de massas mais ou menos indiferentes, que a opposição ao governo teria afastado do socialismo. Nas eleições municipais de Abril de 1920, os socialistas ganharam votos por toda a parte e certo número de municipalidades na Wallonia. Actualmente os minoritários representam quasi o quinto do partido. Dado o seu aumento contínuo nos últimos dois anos, parece provavel que estejam destinados a tornar-se uma força real, que de futuro pesará fortemente sobre a attitude da maioria, impelindo-a para a esquerda. A participação ministerial só poderá então subsistir, se influenciar o governo em sentido anti-imperialista, anti-capitalista, o que não acontece actualmente. Há tambem um partido comunista, muito pequeno ainda, composto sobretudo de jovens, porque se formou em consequência da scisão de uma facção das juventudes socialistas. Uma das consequências da occupação da Belgica pelo exercito alemão, de 1914 a 1918, foi que a mocidade belga não sofreu a mesma evolução mental que a mocidade francesa, britânica, italiana ou alemã. Esteve tambem menos nas trincheiras. E' esta diferença de situação politico-económica de 1914 a 1918 que explica

a diferença actual entre o socialismo belga e socialismo do resto da Europa.

### Suiça e Italia

Na Suiça, o último congresso do Partido socialista, em Dezembro, rejeitou a adesão à Internacional Comunista de Moscú por 350 votos contra 213. A esquerda retirou-se. O partido scindiu-se porisso em dois. Vai fundar-se um partido comunista. O *referendum* de todos os membros deu uma forte maioria contra a Internacional Comunista.

Na Italia a situação é diferente e mais complexa. A maioria do Partido é pela adesão à Internacional de Moscú, mas interpretando à sua vontade as condições da adesão e mesmo as teses sustentadas pelos bolcheviques. Só uma pequena minoria é contra a adesão. Quasi todos, porém, são opostos ao centralismo de Moscú. Por temperamento e também por virtude da acção quasi cincoentenária do anarquismo, o proletariado italiano está muito impregnado de ideas libertárias. No Congresso de Janeiro de 1921, a quasi unanimidade decidiu a adesão à Internacional Comunista (I. C.). Mas por uma grande maioria, inspirado por Serrati, director do *Avanti*, o congresso recusou obedecer às ordens do *Comité* Executivo dessa Internacional, ordens que consistiam em excluir a ala direita do Partido, cujos *leaders* são F. Turati, Tréves, etc. O resultado desta recusa foi a saída da minoria, que logo formou um partido comunista. Actualmente, pois, a Italia apresenta esta situação curiosa: ter dois partidos socialistas, aderentes um e outro à I. C. de Moscú. Esta situação não pode persistir. Só o Partido Comunista será admitido nessa Internacional, que não pode, a toda a evi-

dência, receber no seu seio um partido, o Partido Socialista, que recusa submeter-se à sua autocracia. O P. C. é muito menos numeroso que o P. S.

Além destes socialistas de matizes diversos, há outros que são ou socialistas ou socializantes. Tais são, à direita, os que seguem Arturo Labriola, ministro actual do Trabalho, (que há 20 anos pertencia ao P. S.) entre os sindicalistas, e alguns sequazes de Francesco Nitti, economista e sociólogo, homem de Estado, mas bem menos habil tactico político do que a velha raposa Giolitti. A' esquerda, há os anarquistas comunistas, que são guiados por um homem, já um velho, Errico Malatesta, cuja alta inteligência e grande valor moral são apreciados por todos os que o conhecem. Os anarquistas são numerosos, activos, e influêntes nas massas. Há meses que Malatesta e outros, como C. Frigerio, etc., estão na cadeia, sem julgamento. E' a repressão do governo, desforra da sua inacção obrigatoria, por ocasião do movimento operário de Setembro de 1920, que pareceu, um momento, converter-se em pronta revolução. Tudo a favorecia: condições económicas e financeiras; condições alimentares que eram quasi catastróficas; estado psicologico das massas urbanas e mesmo rurais, nas regiões de latifúndios. De um lado, viu-se o proletariado urbano apoderar-se das fábricas para as explorar, «sem patrões»; de outro, viu-se o proletariado rural apoderar-se das terras e dividi-las para as explorar, sem pagamento de renda aos proprietarios! A mentalidade da classe agricola era tal que os padres, os frades, viram-se obrigados moralmente a guiar os rurais na tomada das terras, para não perderem a sua-fôrça moral de direcção sôbre elles. Então, na batalha travada contra o capitalismo, a União Anarquista, o Partido Socialista e a Confederação do Trabalho estavam aliados

marchavam de acôrdo. Porisso o govêrno se sentiu impotente. Deixou correr. Transportou até para o terreno legalitario a luta ilegalista, apresentando e fazendo votar uma lei sôbre a inspecção (*contrôle*) operária das fábricas. Os *leaders* socialistas e sindicais deixaram-se prender no engodo, quer porque tiveram medo de um desastre, deixando o processus revolucionário desenvolver-se logicamente, quer porque tiveram medo das ruínas, das mortes e das dores que o parto de um estado económico-social novo provoca *inevitavelmente*. Quanto aos *leaders* anarquistas, consideraram inutil a tomada do poder político, conformes com a sua doutrina; não tiveram finura para ver o grande ensinamento que se tira da Revolução Russa, a dos bolcheviques. E êste ensinamento sociológico vem a ser o seguinte: a tomada do poder político é necessária, indispensável, para assegurar a permanência de uma rápida transformação económica.

Cometidos aqueles erros políticos, foram-se desenrolando as suas conseqüências. A reacção tornou a assentar pé. E pouco a pouco sob a instigação de *leaders* cheios de audácia, tornou se a fôrça vitoriosa, momentâneamente, porém, e na aparência. Os «Fasciti» estão de cima, dando a lei mais ou menos em todo o país. Em face dêles o govêrno faz o mesmo jogo que em face dos socialistas em Setembro de 1920. Deixa correr. As violências dêles servem-lhe. Com efeito elas teem-lhe permitido não se inquietar com o numerosissimo grupo socialista parlamentar, nem com as 2500 municipalidades socialistas ganhas em Outubro de 1920, em vez das 400 que anteriormente havia. Com habilidade, aproveitou esta vaga de reacção para dissolver o Parlamento e determinar novas eleições. Espera dêste modô reduzir a fôrça parlamentar do socialismo e tam-

bém da extrema esquerda do catolicismo, que na Italia se liga por tantos pontos económico-sociais com o socialismo. Acertará? E' possível. Mas será apenas uma vitória à Pyrrhus. Atirárá afinal as massas para o em-prêgo da acção directa.

Os acontecimentos da Italia, na presente guerra social, são muito interessantes para o sociólogo, porque as lições que êles ministram são iguais ás da guerra mundial das nações (cf. a minha obra *As lições da guerra mundial*), a saber: a acção poderosa das minorias audáciosas na direcção dos acontecimentos; a indispensabilidade da audácia para que haja acção; a pouca audácia dos partidos democraticos ou antes dos *leaders* dêesses partidos, a ponto de se poder estabelecer esta lei: a audácia dos chefes está na proporção inversa do espirito democratico que os anima. Esta ausência de audácia é um efeito lógico do princípio democrático, como mostrei no meu livro.

### Espanha e Portugal

Na Espanha, o Partido tem crescido muito nos últimos seis anos, em número e em acção. A situação económica e financeira, lá também, está em vésperas de ser catastrófica. O conflito entre o proletariado e o capitalismo reveste uma forma curiosa de lutas e atentados individuais, mais que de lutas de massas (greves). Para a luta, fez-se a união operária entre anarquistas, numerosos e influentes sobretudo na Catalunha, e socialistas. O Partido Socialista parece orientar-se para uma adesão condicional à Internacional Moscovita. Mas o congresso de Março de 1921 pronunciou-se por uma grande maioria contra essa



adesão mesmo condicional. Nesta decisão tem de ver-se a influência do autocratismo da I. C. Os relatórios escritos e orais dos delegados espanhóis à Rússia, Besteiro e Anguiano, assinalavam uma tal ditadura do grupo comunista russo sobre as massas operárias, que os socialistas espanhóis se recusaram a seguir a política de Zinoviev e dos seus colegas do *Comité* Executivo. Uma minoria retirou-se do congresso para fundar o Partido Comunista. Mas a maioria dos membros permaneceu no P. S., que conserva o seu diário *El Socialista*, um dos jornais socialistas mais bem feitos da Europa, dirigido por Fabra Ribas. Todavia a scisão afecta bastante o P. S., no ponto de vista da sua fôrça financeira. Como na Itália, há um movimento anarquista e sindicalista, forte sobretudo na Catalunha, Galiza e Biscaia. O espanhol, como o italiano, por temperamento e por virtude da longa propaganda anarquista, possui uma mentalidade libertária pronunciada. O autocratismo germânico, de que deriva o autocratismo bolchevique, não conseguirá implantar-se na Espanha, nem na Itália, nem na França, nem na Grã-Bretanha. Conquanto haja scisão, não há enfraquecimento do socialismo, o que há é enfraquecimento do Partido Socialista e da sua influência parlamentar, ainda assim puramente momentâneo, efeito do periodo caótico presente. De resto, a acuidade da actual guerra social obriga todos os socialistas, da extrema direita à extrema esquerda, a fazer parede contra o capitalismo e os seus esteiros.

Em Portugal, o Partido Socialista (social-democrata), pouco importante, apesar dos seus deputados e dos seus vereadores, não tem coesão. A respeito da Terceira Internacional, espera a conciliação de todos ou as resoluções da C. G. T. portuguesa. Esta é seguida pelas massas, mais ou menos socialistas. Os jovens proletários são

pelo sindicalismo revolucionário. Está a organizar-se um partido comunista.<sup>1</sup>

### França e Grã-Bretanha

O Partido Socialista Francês scindiu-se em dois no Congresso de Tours (Natal de 1920). A minoria (pouco mais ou menos um terço do Partido) recusou aderir à Internacional Comunista. Esta minoria vai de Pierre Renaudel a Jean Longuet, compondo-se daqueles que antes da scisão se intitulavam «resistentes» e «reconstrutores». A maior parte dos *leaders* estão com esta minoria, designadamente 56 deputados. Os comunistas só teem consigo 12 deputados. A maioria, os outros dois terços do Partido, vai de Ernest Lafont a Boris Souvarine, com Marcel Cachin, L. Frossard, Rappoport e Vaillant-Couturier, por principais *leaders*.

Actualmente, os dois partidos franceses teem o mesmo nome: Partido Socialista Francês. Mas um, o dos Comunistas, aderente à Internacional de Moscou, intitula-se «Secção Francesa da Internacional Comunista» (S. F. I. C.); o outro, o Socialista, permanece aderente à Internacional que está em formação. O seu título é «Secção Francesa da Internacional Operaria» (S. F. I. O.)

No momento em que escrevo (Maio de 1921), os dois partidos teem os mesmos estatutos e regulamentos. Mas uma mudança de título é inevitável dentro em pouco, do mesmo modo que uma mudança de estatutos e de constituição, quanto ao Partido Comunista. Há um pro-

---

<sup>1</sup> Veja «Nota do Tradutor» no fim.

jecto que já foi publicado em *L'Humanité*, o diário comunista da manhã, de Paris. O Partido tem um diário da noite, *L'Internationale*. É possuidor de capitais bastante importantes, a julgar pelos totais das suas subscrições públicas. A modificação da constituição, dos estatutos, do título, é indispensável, para que uma e outros estejam de harmonia com as decisões da I. C. e do seu *Comité* Executivo. Naturalmente, êstes dois partidos, comunista e socialista, combatem-se e injuriam-se copiosamente. Mas, pela força das coisas, a sua acção política será paralela, mesmo aliada, contra o inimigo comum: o capitalismo. O sociólogo faz uma constatação muito interessante, quando lhe é permitido penetrar, por conversações privadas, nos meios ditos comunistas, *leaders* ou simples membros. É a seguinte: os intitulados comunistas franceses não ligam importância nenhuma às vinte e uma famosas condições elaboradas pela I. C. e às quais deviam satisfazer os Partidos para receberem o «*dignus entrare*». De nenhum modo se consideram obrigados a obedecer às ordens ditadas pelo *Comité* Executivo dessa Internacional. Entendem que hão de actuar a seu modo, segundo as decisões da sua maioria de congresso, decisões livremente tomadas, sem ordem. Parece-me certo que a grande maioria dos comunistas franceses apresenta esta mentalidade anti-autoritária, idêntica, a tudo bem considerar, à dos socialistas italianos e espanhóis. Simplesmente êstes consideraram as vinte e uma condições como sérias, decisivas; aqueles consideraram-nas como ninharias, «*de la foutaise*», segundo a própria expressão de um comunista de fileira. Para os franceses não passam de coisas no papel, sem valor, brinquedo para entreter crianças. E desta diferença de apreciação das decisões da I. C. resulta êste facto notavel: o P. S. italiano foi expulso da I. C.; o P. C. francês, semelhante, idên-

tico mesmo, foi admitido! Não me parece que o *Comité Executivo* a que preside Zinoviev, tente aplicar em França a mesma autocracia que tem aplicado na Alemanha. Se o fizer, o P. C. breve se pulverizará, sob o efeito das exclusões e das scisões sucessivas. Se não o fizer, dá êle mesmo uma machadada na própria base da sua I. C., isto é, no princípio da Autocracia. A unificação tactica procurada por essa Internacional, só existe, por consequente, na aparência. E' uma constatação importante, porque vem provar uma vez mais que no mundo humano tudo é diversificado ao infinito, são sonhos irrealizaveis a unidade e a unificação, o que é realizavel é a união na diversidade.

Uma outra consequência sociológica deriva das constatações precedentes. E' esta: o bolchevismo russo não é a causa das scisões do socialismo e do sindicalismo, como alguns julgam. Estes foram levados a julgá-lo, porque não viram os factos e os acontecimentos senão superficialmente, sem analisar a fundo o condicionamento do que existe ou, melhor ainda, porque cometeram êrros de raciocínio sob a pressão da paixão, do espirito de partido. Tomaram por causa de um fenómeno o que não era mais que uma causa da modalidade dêsse fenómeno. A crise do socialismo tem causas múltiplas, profundas. A sua própria universalidade é uma prova disso. Por mais força que se possa attribuir ao bolchevismo, o simples bom senso mostra que êle não podia ser capaz de revolver assim o mundo inteiro, se não encontrasse nas massas um terreno favorável. Deu a forma ao movimento; não o determinou. As massas que aderiram ao comunismo, fizeram-no sem saberem o que êste é, sem conhecerem a doutrina, sem conhecerem a sua história, sem conhecerem a sua aplicação na Rússia. Para essas massas, compostas sobretudo de homens e de mulheres, jovens, ar-

entes, apaixonadas, tendo sofrido rijamente as condições da guerra e reagindo contra elas com forças não menores; para essas massas, ia eu dizendo, o comunismo e o bolxevismo são meros centros de atracção, palavras que sintetizam as suas aspirações vagas, mas robustas, poderosas, a maior bem-estar material, intelectual e moral. Se não tivesse havido bolxevismo, haveria da mesma maneira a crise do Socialismo, que poderia chamar-se também a crise do quarto Estado, a crise operária e rural. Ela dar-se-ia apesar de tudo, porque é determinada por grande número de factores independentes do bolxevismo e com existência anterior à sua.

A desorbitação dos indivíduos é tal que alguns anarquistas comunistas, cuja doutrina é exactamente o oposto do comunismo autocrático, aderem a êste último. E o mesmo se dá com alguns sindicalistas, cuja doutrina tem por base a liberdade e o federalismo, os opostos da autoridade e do centralismo, bases do comunismo bolxevique. Estas oposições de doutrina não impedem alguns aderentes do anarquismo e do sindicalismo de se juntarem ao comunismo autoritário e de procurarem desintegrar o movimento sindical — em todos os países — porque o julgam muito pouco revolucionário. Na França, êstes esforços de desintegração provocam retruques dos outros sindicalistas. Porisso se pode dizer que há uma crise dolorosa no seio da C. G. T., aderente à Internacional Sindical de Amsterdam. O sindicalismo francês está ligado por tantos laços ao Socialismo, — a ponto de para mim não ser mais que uma sua modalidade, — que eu não podia deixar de falar dele aqui. Possui um diário, *Le Peuple*, muito bem feito, dirigido pela própria C. G. T., que está ainda nas mãos dos adversários da Internacional Moscovita. Duvido que a desintegração sindical se opere e que se formem duas C. G. T., porque a ideo-

logia cuja realização procura a C. G. T. é mais económica que política e sobretudo porque o laço que une os membros dos sindicatos é um laço profissional, económico e não político.

Ao lado do Partido Comunista e do Partido Socialista (S. F. I. O.), há um terceiro partido composto de chefes quasi sem soldados, eleitos que se retiraram ou foram excluídos do Partido, no fim de 1919. Este Partido Socialista Nacional, que faz a ligação entre os Radicais Socialistas e os «Socialistas Independentes» (*nuançe* Viviani-Augagneur) por um lado e a extrema direita do P. S. (S. F. I. O.) por outro, não tem influência no proletariado urbano ou rural de França, nem na Internacional.

Na Grã-Bretanha, não há unidade socialista, e portanto não há scisão possível. Mas há individuos que mudam de grupos segundo as suas afinidades. O grupo socialista mais importante é o «Independent Labour Party» (I. L. P.). Tem uma extrema esquerda um pouco bolchevizante, ao passo que a sua extrema direita é puramente legalista e reformista. Existiam três agrupamentos comunistas aderentes à Internacional de Moscou; mas acabam de se fusionar. Ainda que pouco importantes pelo seu número, representam um papel sério no trade-unionismo britânico, como fermentos ateadores do espírito revolucionário e como propulsores das massas que, por sua vez, actuam sobre os seus *leaders* sempre inclinados, em virtude da lei do menor esforço, a tornarem-se puros burocratas adormecendo sobre os seus louros. O I. L. P. tem os seus representantes, a direita, na Internacional de Genebra-Londres, a esquerda, na Conferência de Vienna, preparatória de uma outra Internacional. Há nisto simplesmente a manifestação de tendências diversas existentes no seio desse Partido. Não haverá nenhuma scisão colectiva, mas somente reagrupamentos de individuos.

A massa do povo britânico está costumada às ideias e à prática da liberdade e impregnada da ideia de que pela legalidade toda a melhor ia, toda a mudança social se pode obter. Parece, pois, que o impulso bolxevista pouco se sentirá na Grã-Bretanha. Contudo a política dos capitalistas e do governo para com os operários desmascarou-se inteiramente no *lock-out* actual dos mineiros. E ela é tal que bem poderá ter como resultado incrustar no cérebro um pouco lento de John Bull que a acção directa é o único meio de transformar a sociedade. Se for assim, o impulso bolxevique actuará plenamente, mas bem entendido com a adaptação do bolxevismo à ideologia e à moral britânicas.

Tal é a largos traços o quadro do Socialismo Europeu.

### **Fora da Europa**

Na Ásia, o Socialismo—excluída a Sibéria, cuja população entra na órbita russa, com predominância actual dos socialistas bolxevistas no Oriente da Sibéria (Província Marítima, etc.)—na Ásia, ia eu dizendo, o socialismo está pouco difundido. Começa a organizar-se no Japão, paralelamente ao desenvolvimento industrial. Na China, existe também, mas sobretudo em meios intelectuais europeizados. Está na sua origem. Nenhuma dúvida pode haver de que a propaganda comunista, que se alia à propaganda nacionalista, anti-imperialista, frutifique rapidamente em toda a Ásia Chinesa e Indiana. No Japão, há agrupamentos comunistas, assim como agrupamentos social-democratas. O comunismo é em parte matizado de religião. Este despertar da Ásia, sob o esforço de Lenine, a quem pertence visivelmente a respectiva política,

— política genial sem contestação — é certamente um fenómeno sociológico da mais alta importância, rico de consequências. Estas apresentam-se tão numerosas, tão graves, tão complexas mesmo, que é impossível expô-las todas. Além de que fazê-lo ultrapassaria os limites d'êste estudo. Restringir-me-ei a dizer que me parece provável que a extensão do socialismo, com a sua morfologia variada (cf. a minha obra *Socialismo e Anarquismo*), será nos meios agrários asiáticos mais rápida do que há de ser a extensão do capitalismo nacional. Este será então jugulado por aquele, para a maior felicidade do género humano. Com efeito o capitalismo nacional asiático desencadearia terríveis guerras que haviam de complicar-se e aumentar com oposições e ódios de supostas raças.

Na Australásia, o movimento socialista tem muitas analogias com o da Grã-Bretanha. As *trade-unions* são ali mais fortes, e os parlamentos, e portanto os governos, tem maiorias operárias, excepto na Nova-Zelândia. Mas seria inexacto afirmar que leis e governos são socialistas. Entretanto no Queensland o primeiro Ministro é um socialista e o governo é nitidamente trabalhista. Este facto leva a finança australiana e britânica a recusar empréstimos ao Estado, emquanto não forem retirados os projectos de lei, mais ou menos socialistas, apresentados sobre as terras e sobre as fábricas. Daí resulta que as massas, com o seu governo trabalhista, são atiradas para o bolxevismo, porque vêem experimentalmente que só a ditadura lhes permitirá realizar a transformação social que elas querem. E por isso em toda a Australásia se criaram agrupamentos comunistas, que tendem a engrossar.

Na Africa do Sul, o movimento socialista é semelhante ao da Grã-Bretanha. Aqui e ali formam-se peque-



nos agrupamentos comunistas, de influência quasi nula actualmente. De resto, a influência socialista em geral faz-se sentir pouco nesta região.

O mesmo acontece nos Estados-Unidos da América, na América do Sul e na América Central, com excepção do México, onde, sob o govêrno Carranza, os socialistas tiveram influência. Um Estado mesmo, o Yucatan, foi governado por socialistas, que ali fizeram enormes reformas socialísticas. Na América do Norte, apesar do grande desenvolvimento do capitalismo, o socialismo está pouco difundido. O seu papel político e social é pequeno. Esta situação provém dos factos seguintes: o patronato vê as coisas com mais largueza do que o patronato europeu; o operário é menos diferenciado da burguesia, em virtude dos altos salários e do seu modo de vida; o operário crê que lhe é possível tornar-se capitalista, milionário, até mesmo multimilionário. O patronato não hesita, as mais das vezes, em dar altos salários, em impelir ao acrescentamento do teor de vida dos operários qualificados. Estes sentem pouco ou nada a necessidade do socialismo ou do sindicalismo. E então limitam-se ao trade-unionismo corporativo, que basta à satisfação das suas necessidades, pela manutenção ou melhoramento dos seus salários. Contudo formaram-se em toda a América grupos socialistas e estes scindem-se em grupos comunistas, as mais das vezes compostos de alogenas imigrados (eslavos, asiáticos, judeus). A sua influência é ainda nula sobre a administração, o govêrno e a indústria e comércio. Faz-se entretanto sentir sobre os outros agrupamentos socialistas, antibolxevistas, e contribui para manter neles o fogo sagrado. Mas, compostos de uma pequena minoria do mundo operário, em opposição aos elementos dirigentes do movimento trade-unionista, a sua acção sobre os acontecimentos é insi-

gnificante. Nota-se um pouco, todavia, quando se analisam os factos com cuidado: tem lugar por intermédio das massas operárias, revolvidas mais ou menos pela propaganda socialista. Na América, como na Grã-Bretanha, não haverá scisão colectiva, mas sòmente separações individuais. A unidade socialista não existe.

Em conclusão, no mundo inteiro, o socialismo está actualmente em plena crise. Por toda a parte os partidos se scindem e se tornam a scindir. Este é o facto, se bem que seja o mesmo para todos o fim a atingir, isto é a destruição da ordem social capitalista actual e a sua substituição por uma ordem socialista, cujas modalidades hão de variar de país para país, segundo o estado de cultura e de civilização industrial e comercial. O que diferencia por toda a parte os grupos entre si, são os meios a empregar para realizar tal fim. Esses meios variam, desde um conjunto de reformas successiva e legalmente feitas, até à revolução imediata e violenta. Uns contam com uma evolução mais ou menos lenta ou rápida, segundo os momentos e as circunstâncias, outros com uma súbita mutação operada com meios violentos, mesmo sangrentos. E entre êstes dois conceitos extremos, há toda a série das combinações que os homens podem fazer, casando-as em gráus diversos.

### **Reformismo e acção directa**

Sob o ponto de vista sociológico, não há opposição de princípios entre a extrema esquerda comunista bolxevizante e a extrema direita legalista evolucionista. Há opposição de meios. Em suma, todos os socialistas se

entendem para «destruir o capitalismo». Entendem-se também, ao menos em parte, quanto ao que o há de substituir. Onde cessam de se entender, é sobre os melhores modos para essa destruição, e principalmente sobre o momento do seu emprêgo. E isso basta para que êles disputem à farta, se injuriem, se combatam e até se matem, segundo os países e o seu poder.

Com estes antagonismos e scisões regosija-se o mundo capitalista. Vê nuns e noutras um enfraquecimento do socialismo. *Não só o socialismo não enfraquece, como até se encontra em pleno desenvolvimento.* A crise actual não é mais que uma das manifestações dêsse desenvolvimento. O afluxo de aderentes novos, jovens, ardentes, ainda impregnados da fé na violência, que nasceu neles durante a guerra e à vista dos factos, é a causa principal das scisões. A mocidade tem pressa. Quere tudo ou nada. Corre ao extremo. As scisões são ainda condicionadas: 1.º pela política passada dos *leaders*, que não tiveram nem a compreensão, nem a coragem de identificar a guerra com a revolução; 2.º pela sua política de «seguidores» dos governos burgueses, em vez de imporem a sua política socialista; 3.º emfim, desde Novembro de 1918, pela política imperialista, caótica, ruinosa dos governos de todos os países. São estas as causas do afluxo popular ao socialismo e portanto as causas da crise actual. O bolxevismo russo não passa de uma causa ocasional, que não motiva as scisões, mas que simplesmente ajuda à sua concretização, à sua realização.

Contudo, se as scisões actuais não são uma causa de fraqueza da ideologia socialista, elas são certamente uma causa de fraqueza momentânea dos Partidos Socialistas, como forças políticas e parlamentares. Elas enfraquecem sobretudo os reformistas, isto é os socialistas que pensavam operar a transformação social inelutável,

por vias pacíficas e progressivamente com uma relativa lentidão. Este enfraquecimento do parlamentarismo socialista determina a propensão das massas populares para a acção directa, para a revolução imediata operada pela violência. As massas tendem com efeito a não verem mais o meio parlamentar modificar o que existe, num sentido conforme às suas aspirações. Resulta dêste estado de coisas uma consequência extremamente curiosa e interessante, que pode formular-se assim: a classe capitalista, auxiliando, pela sua política de reacção e de repressão violenta, o enfraquecimento da força parlamentar dos partidos socialistas (a direita e o centro dêsses partidos), precipita o momento de rebentar a Revolução, tende a provocar uma forma violenta, sangüinolenta, dessa Revolução, em vez da sua forma progressiva, lenta, como a desejam os reformistas socialistas. Numa palavra, o capitalismo actua justamente em sentido contrário aos seus interesses. A política que êle segue há anos é louca. E nisso se vê pelo facto a verdade dêstes apotegmas de Kant e de Nietzsche: — «a posse do poder corrompe inevitavelmente a razão», e «o poder embrutece».

### Unidade e união

O desenvolvimento do Socialismo é inegável para o observador que não se limita às aparências. Momentaneamente está encoberto pela vaga de reacção que se seguiu ao fim das hostilidades na guerra mundial das nações, essa primeira fase da guerra social gigantesca, na qual o mundo se debate há seis anos e vai debater-se talvez ainda uma década. Esse desenvolvimento, qualquer o podia prever como eu o fiz, desde a verificação da amplitude que tomava a guerra. As scisões a que

assistimos são simples fenómenos de desenvolvimento por scissiparidade. Cada agrupamento novo agregará os que simpatizem com as suas vistas e as suas directrizes gerais. E daí resultará uma vitalidade maior de cada agrupamento em que a unidade real existirá quanto às concepções tacticas.

Uma das necessidades da natureza humana é a união, a associação. Por isso cada agrupamento de determinada natureza procura agregar-se aos agrupamentos da mesma natureza no mundo inteiro. Daí resultará a formação de diversas Internacionais socialistas. O fenómeno está em plena formação. E esta multiplicidade de Internacionais alegra os capitalistas e entristece a maior parte dos socialistas, porque vêem nisso uma manifestação de fraqueza. Enganam-se. Cada vez que for necessário resistir ao capitalismo ou atacá-lo, a **União** far-se-á. A prova de que êste fenómeno sociológico se produz, é que se pode notá-lo na Itália, na Espanha, na Austria, na Saxónia, na França, onde a aliança se fez entre os diversos cambiantes do socialismo, para combater o capitalismo. O que impede esta aliança é a vontade de **Unidade**, isto é de moldar num mesmo molde todas as opiniões, todas as concepções dos milhões de aderentes do Socialismo.

### O cristianismo. Três Internacionais

A crise actual do Socialismo é mais uma semelhança que existe entre êste fenómeno sociológico e êsse outro conhecido pelo nome de Cristianismo. No curso da história, os fenómenos sociológicos repetem-se, *mutatis mutandis*, porque são determinados por causas que pouco se diferenciam, apesar das diversidades de tempo e de lugares. A multidão de seitas cristãs, que muitas

vezes se esfacelavam umas às outras, não impediu o cristianismo de invadir pouco a pouco a humanidade e de se tornar uma força social que foi, por muito tempo, de primeira ordem. O cristianismo cresceu no meio das perseguições e enquanto os dirigentes de então se regosijavam com as suas divisões, com as suas lutas intestinas, que, a seu ver, o tornavam impotente e sem cessar o enfraqueciam. Os dirigentes de então enganavam-se, exactamente como se enganam os de hoje a propósito do socialismo. Só triunfaram do cristianismo adoptando-o, assimilando-o e modificando-o em parte. Certos factos mostram que actualmente alguns dos dirigentes quereriam seguir o mesmo processo para triunfarem do socialismo. Lenine o faz notar no seu volume *A doença infantil do Comunismo*. Naturalmente considera isso como um perigo. Eu duvido que tal assimilação, redundando numa escamoteação, possa produzir-se na nossa época, porque as massas estão muito educadas para se deixarem assim lograr.

As grandes tendências presentes no socialismo podem resumir-se no seguinte: 1.º, o reformismo legalista só; 2.º, o reformismo combinado com a preparação para a revolução imediata; 3.º, a revolução imediata, operada pela violência. E' nestas grandes tendências que se agrupam todos os socialistas. A elas devem corresponder três Internacionais. Estas encontram-se em formação sob as denominações de Internacional de Genebra-Londres, Internacional de Berne-Viena, e Internacional Comunista de Moscú. Em todas as três, quasi todas as nações estão representadas. Cada uma é realmente Internacional, isto é um agrupamento federando todos os partidos nacionais. O movimento começa agora. Todas três estão ainda na infância. Mas na época presente, a maturidade vem depressa, por causa da rapidez com que

se desenrolam os acontecimentos. Deve-se, pois, prever um rápido incremento de cada uma dessas Internacionais, principalmente das duas últimas. E as divisões e os conflitos entre elas, fruto inevitável dos caracteres humanos, não impedirão a aliança, no momento vindo, sobretudo entre as últimas. A *União* faz a fôrça, não a *Unidade*, não a *Unificação*. O futuro o provará. Em breve, o que se apresenta ao vulgo como fraco, há de aparecer aos olhos de todos como forte, quando a política imperialista obrigar, no Ocidente, a recorrer aos socialistas legalistas primeiro e aos outros em seguida, para salvar a civilização ocidental da sua ruína completa, ruína para a qual caminha a longos passos, sob o louco impulso dos capitalistas ocidentais e japoneses, na sua absurda fome de ganhos a todo o custo.

9 de Maio de 1921.—Ty an Diaoul (Casa do Diabo). Penvenan—(Côtes du Nord)—França.

*Augustin Hamon*



## Nota do tradutor

---

Em 1914, o quadro socialista — tomada esta palavra no seu sentido lato — compreendia três divisões: sociais-democratas (partido socialista), anarquistas e sindicalistas. Já pouco consistentes, a guerra abalou-as profundamente.

Entre os anarquistas e sindicalistas formaram-se duas correntes, que em linguagem de polémica se apelidaram guerrista e anti-guerrista. Partidárias ambas da violência, da luta armada, para a transformação da sociedade, cada qual julgava ser o melhor intérprete das ideias que antes as inspiravam, cada qual julgava servir melhor o seu ideal de liberdade e federalismo. Caracterizou-as o caso accidental do seu modo diverso de encarar a grande conflagração, quando o que bem as definia era a diferença de espírito e de método dos seus componentes, — a existência ou ausência de fé no milagre do golpe de mão revolucionário, a necessidade ou desnecessidade de preparação do proletariado militante, — marchais e soldados, para além desse golpe.

No partido socialista a divergência foi menos viva. Houve, é certo, manifestações de aliadofilismo, de anglofobismo, de germanofilismo, de zimmerwaldismo, mas sem eco. Os seus chefes acomodam-se facilmente, para...

não prejudicarem o sempre esperado e nunca realizado aumento de aderentes.

Com a Revolução Russa, chegou a parecer que os dissentimentos se apagavam ou, pelo menos, se atenuavam, por força do acôrdo quási perfeito na defeza de uma obra que se afigurara comum, mas, a breve trecho, o desenrolar da fase bolxevista acentuou a rutura. A luta renovou-se entre liberdade e autoridade, federalismo e centralismo, revolucionarismo e reformismo. Renovou-se, mas sem ganhar amplitude ou grandeza.

Na hora que passa, a perturbação é grande, as três divisões não teem os contornos definidos de outro tempo. O desejo da maior parte é marcar lugar, mas à arrumação de uns e outros faltam motivos, — os pequenos factos, que são decisivos onde não há um forte combate de ideias. Entretanto, a'guns agrupamentos se ajuntaram às velhas divisões ou se lhes sobrepuzeram, de modo que o socialismo-movimento pode agora dividir-se assim: — socialistas (P. S.), sindicalistas (C. G. T.), e comunistas (P. C.).

O P. S., com duas dezenas de anos ou pouco mais, na sua actual fase, está velho. Pretende ter certa influência e responsabilidades na política do país, e não tem sequer o que se chama «vida própria». É sabido, por exemplo, que a sua representação parlamentar é fictícia ou aparente, e que, sôbre a magna questão que vem revolvendo o mundo socialista e sindicalista, acordou em «não aderir à Terceira Internacional nem renovar a adesão à Segunda, emquanto ambas estas organizações não chegarem a entender-se e a unificar-se» (Congresso Regional do Pôrto, em 1920) ou «no adiamento de qualquer resolução, emquanto a C. G. T. portuguesa não decida o caminho que mais convenha seguir» (Congresso extraordinário de Lisboa, em 1920). Possui um nutrido estado-

-maior, sem vultos de destaque ainda assim, mas faltam-lhe as massas,— não possui nem soldados, nem dinheiro, em quantidade apreciável.

Dirigido por um Conselho Central, o P. S. divide-se em duas Confederações, — a da região do Norte e a da região do Sul, cada uma com as suas federações municipais e os seus centros. Sendo pobre e sentindo os corifeus amargo o sacrifício, quasi não tem imprensa: o jornal *O Combate*, de Lisboa, não consegue sustentar-se; e no Pôrto vai vivendo um quinzenário — *República Social*, pequeno e sem valor. Em adiamento contínuo da scisão que o mina de longe, arrasta a sua fraqueza entre os novos, que são pelo intervencionismo (colaboração nos governos da república), distribuidor de pastas e postas, e os velhos, que se declaram contra semelhante colaboração e a mais não passam. A sua remodelação impõe-se. Uns seguirão o caminho do sr. Costa Júnior, juntando-se aos radicais republicanos (partido democrático); outros unir-se-ão à direita do P. C.

A C. G. T., muito ciosa da autonomia sindical, inspira-se na doutrina e tactica do sindicalismo revolucionário. De fundação recente, tem a precedê-la a União Operária Nacional e a Comissão Executiva. Vem assim de 1909. O trade-unionismo, porém, é antigo: data da *Fraternidade Operária*, em 1872. Dela se diz correntemente que é a única fôrça proletária organizada. Engloba 17 uniões locais, 9 federações de indústria, 3 sindicatos nacionais, 3 sindicatos regionais, e 365 sindicatos profissionais, com uma população de 100.000 sindicados, pouco mais ou menos. A sua imprensa periódica compreende um diário, *A Batalha*, em Lisboa, com uma tiragem média de 11.000 exemplares, e cêrca de 20 semanários, em Lisboa e outros pontos. Agitam-na, como é natural, as questões mais palpantes, os aspectos mais

vivos da presente guerra social, que, é de crer, virão a debater-se no seu próximo congresso, conjuntamente com o problema da maior elasticidade dos seus órgãos actuais ou da criação de novos órgãos, para maior proficuidade da luta.

Paralela à C. G. T., marcha a Federação das Juventudes Sindicalistas, muito impregnada do espírito libertário, como o demonstrou no seu recente congresso.

O P. C., ainda em organização, mas já minado por uma luta intestina, a do parlamentarismo ou anti-parlamentarismo, sucedeu à Federação Maximalista, criada após a Revolução Russa. Faz a sua propaganda o jornal *A Bandeira Vermelha*, de Lisboa. Os seus adeptos são ainda pouco numerosos. A luta parlamentarista que, pela fôrça das circunstâncias, conduzirá a uma scisão, levará uns para os anti-intervencionistas do P. S., se êstes tomarem uma feição mais revolucionária, e outros para os grupos libertários, que porventura tornarão mais activos.

A acção dos anarquistas, com características próprias mal se faz sentir. Confundiu-se com a dos sindicalistas, que é a da C. G. T. Publicam no Pôrto um semanário, *A Comuna*, que tem uma tiragem de 6.000 exemplares, dos quais 1.000 destinados ao exterior, — América do Norte, Brasil, etc. Um novo importante papel lhes está reservado no movimento operário e revolucionário, dado que a C. G. T., a permanecer tal como existe, não pode por si só conduzir a luta contra o capitalismo, em toda a sua complexidade.

Criado, segundo dizem, à imitação da *Clarté* francesa, há um agrupamento de intellectuais, que pretende fazer ligação com o socialismo-movimento. Composto de conservadores católicos, de simples nacionalistas, de socialistas românticos, etc., e tendo por objectivo formar uma

élite que se imponha, não é de molde a influir nos trabalhadores, e menos ainda a concorrer para a formação da sua consciência de classe.

Tal é a situação em Portugal, que o A. traçou nas breves linhas do texto.

Julho, 5.

*Post-scriptum.* — A eleição de deputados, cujo resultado foi nulo para o P. S., e o manifesto do P. C., que pretende subordinar a C. G. T., vieram dar azo a começar-se a arrumação. Por ora o espírito da propaganda libertária é que prevalece. Os socialistas-intervencionistas e os comunistas-políticos são os primeiros feridos.

## Erratas

Corrigem-se os erros principais que são :

- Pagina 5, linha 19, *inimigo* em vez de *inimiga*.  
» 6, » 24, *enumerosas* em vez de *inumeras*.  
» 9, » 12, *proponderam* em vez de *propenderam*.
- Pagina 9, linha 19, *Tudo isso a impelia*, em vez de *Tudo a isso impelia*.
- Pagina 11, linha 18, *elas*, em vez de *êles*.  
» 11, » 27, *toda, fé*, em vez de *toda a fé*.  
» 14, » 14, *Foi esta, util*, em vez de *Foi util, creio*.
- Pagina 15, linha 5, *mostrou-o* em vez de *mostram-o*.  
» 15, » 23 e 24, *Filandia* em vez de *Finlandia*.  
» 25, » 3, *vai-xem* em vez de *vai-vem*.  
» 32, » 14-15, *Contourier* em vez de *Couturier*.
- Pagina 32, linha 26, *madança* em vez de *mudança*.



Preço \$30 centavos

Preço 40 centavos